

Segurança de Cardoso vai ser mais rigorosa

Brasília — Jamil Bittar

■ Gabinete Militar anuncia identificação de um suspeito de ter apedrejado ônibus

BRASÍLIA — O general Alberto Cardoso, chefe do Gabinete Militar, disse ontem que a Polícia Federal identificou um suspeito de ter atirado pedras no ônibus da comitiva do presidente Fernando Henrique Cardoso, na visita a Campina Grande, no fim de semana passado. Segundo testemunhas ouvidas na cidade, o suspeito é jovem e mora em João Pessoa. O general afirmou que o presidente Fernando Henrique ficou "indignado" com o incidente e determinou que seja alterado todo o esquema de sua segurança pessoal. O chefe do Gabinete Militar negou que o ônibus tenha sido atingido também por um tiro. "Foi mesmo pedra", afirmou.

O novo esquema de segurança será aplicado já na viagem de Fernando Henrique a Apucarana (PR), na sexta-feira, quando o presidente vai inaugurar uma vila rural comunitária. O acesso de manifestantes ao local da visita será proibido. O batalhão de choque da Polícia Militar vai substituir os batalhões de policiamento ostensivo, que antes eram empregados na proteção ao presidente.

Interdição — De acordo com as medidas anunciadas pelo general Cardoso, todas as ruas, vias, esquinas e pontos de passagem da comitiva presidencial nas visitas oficiais serão interditadas. "Vamos causar transtornos à população e aos moradores dos locais, mas eles terão que compreender", disse o chefe do Gabinete Militar. O uso de carros de som em locais onde o presidente fizer discurso será proibido, avisou o general. "Um ruído proposital é um desrespeito ao presidente, que é uma instituição da República", disse. "Vamos solicitar que não se use o carro de som para evitar ter que silenciá-lo".

A utilização de tropas de choque da PM, segundo o general Cardoso, não terá por finalidade o revide a agressões de manifestantes. "É uma polícia mais preparada para responder à situação, capaz de poder entrar em um grupo e retirar quem atirar pedra", explicou o chefe do Gabinete Militar. O general disse

que o esquema de segurança do presidente irá seguir a "escalada" da violência das manifestações contra as reformas constitucionais.

Segundo o general Cardoso, as manifestações promovidas pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) eram "perfeitamente aceitáveis, lógicas, racionais e democráticas" quando as emendas de reforma constitucional foram enviadas pelo governo ao Congresso Nacional. "Com o tempo, essas manifestações passaram a ter um caráter até violento, culminando com episódios como o de Campina Grande", analisou o militar. Para o general, o número de manifestantes tem diminuído mas, por causa das ações de "facções radicais", começou a haver manifestações violentas.

O general fez questão de dizer que, em nenhum momento, desde a primeira manifestação violenta — ocorrida no Rio de Janeiro em 17 de março passado — a segurança do presidente da República foi ameaçada.

Falhas — "Os problemas ocorreram com a segurança externa", disse. O general Cardoso lembrou que, no sábado passado, o Gabinete Militar alterou a posição dos helicópteros da comitiva presidencial que foi a Xingó (AL), para evitar que Fernando Henrique — que, na chegada à usina hidrelétrica, havia sido atingido por respingos de ovos jogados por cerca de 300 manifestantes — não fosse constrangido novamente. Ele disse que as falhas devem ser debitadas na conta das polícias militares estaduais.

O general Cardoso negou que o Gabinete Militar tenha rixa com a Polícia Federal — de onde têm saído as críticas mais contundentes ao esquema de segurança montado pelo Palácio do Planalto. Ele ressaltou que há policiais federais recrutados para a sub-secretaria de Segurança do Gabinete Militar. Eles são responsáveis pelo trabalho de varredura de telefones e, agora, pelas investigações sobre o incidente de Campina Grande.



General Cardoso anunciou novo esquema: interdição de ruas, tropa de choque e proibição de carro de som